

-- SEÇÃO XIII --

**APLICAÇÕES DAS DESCRIÇÕES
(SÓCIO-)LINGÜÍSTICAS A CONTEXTOS ESPECÍFICOS**

POSTER*

○ ERRO E O DOMÍNIO DE APLICAÇÃO

Carlos Alberto de OLIVEIRA & Maria Leticia Almeida RECHDAN (UNITAU)

ABSTRACT: The results of a first data analysis of the writing in portuguese language project of University of Taubaté-UNITAU are presented. From a statistical analysis, it is discussed some types of writing mistakes in order to detect tendencies. It was remarked by the explained results that the students make mistakes in accordance with some reasoning line common to everybody, which it is not still known, nor as it was conceived.

0. Introdução

O projeto de redação em língua portuguesa (Rossi, Oliveira, Gurpilhares et al., 1997) do Curso de Mestrado em Lingüística Aplicada da Universidade de Taubaté-UNITAU compreende as seguintes etapas:

- formação de banco de dados – BD1, a partir do Vestibular/97 da UNITAU, o banco foi composto de 1785 redações de candidatos a todos os Cursos de Graduação, de acordo com o seguinte critério: foram retirados aleatoriamente do universo de candidatos uma amostra de 50% do número de vagas oferecidas por cada curso ou 40¹ redações; BD2, composto de 185 redações de alunos de 5ª a 8ª séries de uma escola particular de Taubaté;
- análise dos dados; discussão e divulgação dos resultados.

O trabalho ora apresentado está inserido na fase de análise de dados desse projeto e compreende uma pesquisa-piloto para servir como elemento de controle para análises posteriores. Foram analisadas 20 redações de alunos regulares do Departamento de Informática e mais 80 redações de candidatos (BDI) da área de Humanas (Direito). O foco desta análise preliminar são frases mal-formadas, no que concerne a aspectos coesivos.

Para este trabalho foram selecionadas 12 ocorrências extraídas da análise das 100 redações do universo selecionado. Estas ocorrências estão no Apêndice, referenciadas por numeração romana minúscula entre parênteses. Procurou-se conservar a *ortografia* original desde que ela não contribuisse para mal entender o texto.

Cumpre observar que foram selecionadas ocorrências, nas quais não houvesse qualquer possibilidade de o aluno ter usado, conscientemente, algum recurso de estilo onde se aponta o erro.

1. Uma discussão sucinta

Um dos aspectos que norteia esta primeira incursão pela fase de análise dos dados é o princípio de que o *erro* pertence ao domínio de aplicação, ou seja, neste caso, o sistema lingüístico no qual o aluno está inserto. Na realidade e na maioria dos casos, quando alguém o comete está apenas aplicando de forma inadequada regras de um domínio aprendido/apreendido de alguma forma: cometem-se *erros* porque o domínio de aplicação é conhecido e não o contrário.

* Sessão de Posteriores Coordenados "Aplicações das Descrições (Sócio-)Lingüísticas a Contextos Específicos".

¹ O número 40 corresponde, na maior parte dos casos, a mais de 30% do número de candidatos inscritos. No caso de Cursos com menos de 40 candidatos inscritos, tomou-se o conjunto total das redações.

Se verdadeiro, no que tange à modalidade escrita da língua, algumas questões são, então, levantadas:

- como o aluno aprende que deve empregar as regras (*erradas*) da língua escrita que usa?
- por que grande parte dos alunos aplica essas regras e não outras possíveis?
- qual o grau de interferência do professor na apreensão dessas regras?
- qual o grau de interferência do material didático nesse fenômeno?

2. A pesquisa-piloto e algumas constatações

A pesquisa-piloto indicou que alguns tipos de *erros* em redações são estatisticamente relevantes. Foram analisados fatores de coesão textual, usadas as classificações de Fávero (1993) e Koch(1990;1992).

	ocorrências (%)
Má pontuação	33,33
Conectivo (uso inadequado)	19,05
Conectivo (omissão)	19,05
Gerúndio (uso inadequado)	14,29
Procedimentos de manutenção temática (uso inadequado)	9,52
Outros	4,76

TEXTO 1

Com a construção de grandes indústrias em certas regiões, fazendo com que o meio-ambiente sofra as consequências devido a essas indústrias.

E cada vez mais, dentro desse lema estão empresários gananciosos por dinheiro, por poder. Sem se preocuparem com os males que suas indústrias fazem.

Os homens não cuidam da natureza. Sendo falta de educação deles.

Num país como nosso, notamos a gravidade da educação e é, por isso que temos que fazer por nós mesmo, ir a fundo, pois o presente nos revela que no futuro a tecnologia nos perseguirá e será tudo. Sendo a maior fonte de informações para todos nós.

Hoje em dias a informática tem um mercado de trabalho que pode ser considerado um dos melhores, pois com o avanço da tecnologia, o computador esta sendo usado em áreas diversas, como: hospitais, indústrias, emissoras de TV etc. Tendo assim uma grande procura destes serviços.

Graças a esta tecnologia, a educação vem sendo melhor empregada, a informatização nas escolas vem crescendo gradativamente, hoje é comum as escolas terem no mínimo um computador.

O mercado de trabalho na área de informática nos tempos de hoje com a tecnologia avançada. Como grande exemplo nos dias de hoje, o mercado de computadores vem expandindo cada vez mais como alta tecnologia avançada, o mundo roda, e o computador a cada dia vem fazendo parte da vida das pessoas como verdadeiro amigo.

São muitas as evidências que a cada ano que passa o Brasil aos poucos está mudando seus ensinamentos, em escolas do Governo, para melhor, devido ao avanço da tecnologia nos ensinamentos oferecidos e também nos elevados números de vocábulos ingleses, que ajuda bom para o futuro estudante de informática.

Ele colabora muito pouco com as empresas, para que estas se multipliquem gerem mais recursos e empregos para o país. Quando esse é que deveria dar toda sua colaboração.

Como as pesquisas estão evoluindo tanto, que cada dia descobriam algo mais importante do que antes, com a ajuda da informatização estão até chegando num local onde ninguém imaginaria a chegar com o universo, que cada vez mais descobrem um planeta.

Com a conscientização destas pessoas, que elas não podiam mais esperar uma atitude governamental é que surgiu o M.S.T. (movimento sem terra), como todo movimento este tem também os oportunistas e agitadores.

Através desse contínuo processo de conscientização faz com que o homem esteja sempre aprendendo com as novas situações, tendo outras opiniões.

Usando ocorrências do Texto 1 para explicar a tabela anterior:

- a má pontuação pode ser vista, por exemplo, em:
 - (ii) o uso da vírgula em lugar do ponto final seria mais adequado: o elemento coesivo (“sem”) está estabelecendo uma relação de modo com o agente-ação da frase anterior;
 - (iv) o uso de vírgula em lugar do ponto final seria mais adequado: o gerúndio está sendo usado como elemento coesivo (“sendo”≡“porque é”) estabelecendo relação de causalidade com “tecnologia” da frase anterior;
 - em (iii) o raciocínio é análogo ocorrência (iv); nestes três casos questiona-se a razão que induziu o aluno a achar que ali deveria estar um ponto final;
- uso inadequado do conectivo em:
 - (viii) o aluno empregou o encadeador do tipo discursivo de conjunção (“também”) para estabelecer a relação de adição, constituindo argumentos a favor de uma mesma conclusão (≡“ajuda bom para o futuro estudante de informática”). Esta conclusão necessitaria de um, por exemplo, “constituindo isso” para estabelecer a coesão seqüencial frástica em lugar do “que”;
- a omissão do conectivo em:
 - (vi) uma hipótese é a falta de um encadeador do tipo discursivo ou argumentativo que estabeleça, por exemplo, conclusão, como “portanto”;
- o uso inadequado do gerúndio em:
 - (i) poderia o gerúndio estar reforçando, talvez, a idéia de um fenômeno continuado? em (iii), (iv) e (v), parece-nos, o mesmo pode estar acontecendo; poder-se-ia traduzir (i), por exemplo, para A construção de grandes indústrias faz com que o meio-ambiente sofra as conseqüências. Mas, seria uma intervenção inaceitável no processo de construção de texto do aluno e não explicaria de maneira adequada o porque do erro. Dizer que não se usa verbo no gerúndio sem a ocorrência de um outro no indicativo que o ancore seria explicar no vazio;
- procedimentos de manutenção temática em:
 - (vii) a citação de termos pertencentes a um mesmo campo lexical (“informática”, “tecnologia avançada”, “mercado de computadores”, “mundo”) indica o desejo de se construir um texto. No entanto, o aluno não soube empregar os procedimentos de manutenção temática para estabelecer a coesão seqüencial frástica.

Observe-se que a maioria das ocorrências do Apêndice estão inscritas em dois ou mais itens anteriormente comentados e deixam delinear indícios de que algum padrão foi seguido.

Percebe-se em (x), o uso inadequado do conectivo se mostra em duas ocasiões na mesma frase; já em (xi), há a omissão do conectivo (“que”). Em (xii), usando o mesmo recurso que em (i) – o “Com” inicial inadequado, o aluno lança mão de uma “Através de” inicial.

3. À guisa de conclusão

Pelos resultados comentados, percebe-se que alunos *erram* de acordo com alguma linha de raciocínio comum que ainda não sabemos qual, nem como foi formada. Em alguns casos surgem indícios de que o aluno, na falta de conhecimento sobre o uso e manipulação corretos dos recursos da língua escrita, lança mão daqueles da língua falada, como, talvez, a pausa. Notar que em (ii) e (ix) pode-se, sem forçar muito a imaginação, pensar-se em alguém falando a primeira parte, dando uma pausa “retórica” e retomando a segunda parte com uma entonação mais dura e enfática.

No entanto, o presente trabalho apenas apresentou e comentou alguns resultados, a partir de uma pesquisa-piloto. As questões introdutórias ainda continuam sem resposta:

- como o aluno aprende que deve empregar as regras (erradas) da língua escrita que usa?
- por que grande parte dos alunos aplica aquelas regras e não outras possíveis?
- qual o grau de interferência do professor na apreensão dessas regras?
- qual o grau de interferência do material didático nesse fenômeno?

Fique, no entanto, claro que estas questões irão nortear um processo de análise muito mais extenso e refinado do que este trabalho pode deixar entrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ROSSI, M. A. G.; C. A. OLIVEIRA; M. S. S. GURPILHARES; E. M. T. OLIVEIRA; V. L. B. S. RENDA & J. ABDALA (1997) Projeto de Pesquisa nº 1 – Redação em língua portuguesa. Taubaté: Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação-Universidade de Taubaté
- FÁVERO, L. L. (1993) Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática
- KOCH, I. G. V. (1990) A coesão textual. 2 ed. São Paulo: Contexto
- . Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In Kirst & Clemente(org.). Lingüística aplicada ao ensino de português. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, pp. 83-98.

POSTER*

A MUDANÇA DE CÓDIGO NO DISCURSO DE CRIANÇAS BILÍNGÜES

Heloísa Augusta Brito de MELLO (UFG)

ABSTRACT: This study focuses on both structural and pragmatic aspects of codeswitching in the speech production of two bilingual children during their first and second language acquisition processes. The aim is to understand how, when, with whom and why bilingual children alternate languages in the same statement or among speech turns during her/his daily discourse. Although structural aspects are taken into account in this study, the main perspective is that codeswitching is a discourse strategy which communicative ability goes beyond referential information.

0. Introdução

Bilingüismo é um tópico que tem sido discutido segundo várias perspectivas como, por exemplo, a sociolingüística, a psicolingüística, a educacional, a política, a econômica etc. Dentro dessas perspectivas, podemos distinguir, ainda, entre o bilingüismo individual e o bilingüismo na sociedade, embora esses níveis estejam, até certo ponto, entrelaçados. A nossa perspectiva, neste estudo, é a sociolingüística, com ênfase, principalmente, no indivíduo, ou melhor, na fala do indivíduo bilíngüe. Entretanto, necessariamente, recorreremos às outras perspectivas, uma vez que o bilingüismo não é um fenômeno *per se*.

Para muitas pessoas, o bilingüismo é uma exceção e o falar bilíngüe é, freqüentemente, associado à noção de perfeição, ou seja, o bilíngüe é uma espécie rara que fala, lê, escreve e compreende duas ou mais línguas de maneira igualmente fluente, sem sotaque e sem quaisquer outros traços que permitam distingui-lo de um monolíngüe, quando fala uma de suas línguas. No entanto, a realidade não é bem assim: estima-se que o bilingüismo está presente em quase todas as nações do mundo, em todas as classes sociais e em todas as faixas etárias e, no que se refere aos indivíduos bilíngües, a maioria deles adquire suas línguas em diferentes fases da vida e dificilmente são igualmente fluentes em todas elas e em todos os níveis (Grosjean, 1982, 1994).

Uma boa parte da literatura, nas décadas de 50 a 60, concentrou seus estudos no bilingüismo individual. Várias propostas surgiram no sentido de encontrar uma definição que pudesse caracterizar o indivíduo bilíngüe. As definições variam entre pontos extremos. Alguns consideram bilíngües apenas aqueles indivíduos cujo desempenho lingüístico, em todos os níveis (fala, leitura, escrita e compreensão), se assemelha ao de um falante nativo (Bloomfield, 1933; Thiery, 1978 em Grosjean, 1982); outros consideram o desempenho lingüístico dos bilíngües segundo uma escala de fluência gradativa, partindo da capacidade de produzir mínimos enunciados significativos até atingir um grau máximo de fluência (Haugen, 1969); e outros consideram que o bilingüismo é simplesmente uma questão de uso regular, de alternância de duas ou mais línguas (Weinreich, 1968; Mackey, 1972; Grosjean, 1982).

As pesquisas mais recentes focalizam, principalmente, o uso das línguas e as funções que elas exercem nos diversos domínios, ou seja, é a necessidade que leva o indivíduo a adquirir e a usar uma determinada língua em um determinado

* Sessão de Posteriores Coordenados "Aplicações das Descrições (Sócio-)Lingüísticas a Contextos Específicos".

local, quando em contato com esta ou aquela pessoa. Em outras palavras, o bilíngüe usa suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes situações e com diferentes pessoas e, por isso, raramente desenvolve igual fluência em ambas as línguas. Sendo assim, o bilíngüe apresenta diferentes modos de fala que lhe permitem deslocar-se em um *continuum situacional*, dependendo do contexto sociolingüístico no qual se encontra (Grosjean, 1994). Em um desses modos de fala, o bilíngüe usa suas duas línguas alternadamente. Essa alternância recebe o nome de *codeswitching*, doravante *mudança de código*.

De acordo com Scotton (1995), só recentemente a mudança de código passou a ser objeto de estudo nas pesquisas sociolingüísticas, sendo Blom & Gumperz (1972) um dos primeiros pesquisadores a tratá-la como um tema respeitável. Até então, a mudança de código, quando notada, era parte de uma discussão maior, pois a maioria das pesquisas enfocava outros aspectos do bilingüismo.

1. A mudança de código na fala dos bilíngües

A mudança de código, isto é, a alternância de línguas em uma mesma enunciação ou conversação (Grosjean, 1982) é um dos aspectos mais interessantes do bilingüismo, pois ressalta o fato de que duas ou mais línguas estão em contato em um mesmo indivíduo. Para que se possa compreender esse fenômeno, Grosjean (1994) sugere que se analise o comportamento lingüístico dos bilíngües segundo um *continuum situacional* em cujas extremidades encontram-se os modos de fala monolíngüe e bilíngüe. No modo monolíngüe, os bilíngües usam apenas uma de suas línguas e, em geral, interagem com monolíngües. Já no modo bilíngüe, a comunicação se dá entre bilíngües que compartilham as mesmas línguas e as usam alternadamente. Entre esses dois extremos, há modos de fala intermediários nos quais os bilíngües *misturam* suas línguas ou *emprestam* itens de uma língua para outra. A passagem de um modo para outro pressupõe, segundo este autor, uma maior ou menor desativação de uma das línguas em contato.

Assim, dependendo da situação sociolingüística - dos *participantes da interação* (idade, sexo, *status*, origem étnica etc), da *situação* (em casa, na escola, em ocasiões formais ou informais etc.), do *tópico* (acadêmico, profissional, afetivo etc.) e da *função da interação* - os bilíngües podem ou não recorrer à mudança de código, de maneira semelhante à mudança de variedades que ocorre na fala dos monolíngües, também relacionada a esses fatores (Ervin-Trip, 1972).

Grosjean (1982) acredita que, além desses fatores, as atitudes e os sentimentos das pessoas em relação ao bilingüismo e à mudança de código podem, também, influenciar o comportamento lingüístico dos bilíngües, levando-os a ativar e/ou desativar seus diferentes modos de fala. Quando elementos de uma língua são inseridos na outra durante um mesmo evento comunicativo, quebra-se a expectativa de que uma única língua será usada naquele momento, causando reações diversas. Assim, alguns vêem a mudança de código como uma forma de fala confusa, como uma mistura agramatical de línguas, resultante da falta de competência ou do uso inadequado das línguas em contato; outros, como símbolo

de identidade étnica ou como uma forma legítima de conversa informal. Essa visão de linguagem “incorreta”, “impura”, característica daqueles que não sabem falar “bem” nem uma, nem outra língua é tão estigmatizante que muitos daqueles que fazem uso da mudança de código com frequência negam que tenham tal comportamento lingüístico (cf. Grosjean, *idem*; Gumperz, 1982).

Mas, apesar dessa conotação negativa assumida por alguns, não há evidências de que a mudança de código possa levar ao semilingüismo ou causar quaisquer danos, tanto ao processo de aquisição de duas ou mais línguas, quanto à comunicação. É puramente uma questão de preconceito lingüístico em decorrência de outros preconceitos - étnico, cultural, econômico, ideológico etc. Gumperz (*idem*) argumenta que ela é uma forma legítima de conversa informal, podendo funcionar como símbolo de identidade étnica ou como recurso discursivo para veicular informações que vão além do seu sentido referencial.

Assim, sob prisma da pragmática, ou seja, como os falantes usam, compreendem e interpretam os atos de fala e como a estrutura da enunciação é influenciada pelas relações entre o falante, o seu interlocutor e o contexto (Richards, 1985), a mudança de código é visualizada como uma opção comunicativa. O bilíngüe alterna suas línguas como recurso discursivo, assim como o monolíngüe utiliza diferentes estilos ou registros. Segundo Romaine (1995), uma mudança entre as diferentes formas de uma mesma língua (por exemplo, em nível léxico e fonológico) pode expressar os mesmos sentidos sociais que uma mudança de código expressa. Nesse sentido, a mudança de código é para o bilíngüe o que a mudança de estilos é para o monolíngüe - um recurso estilístico, uma estratégia discursiva, cuja função é expressar, além da informação referencial, emoções, sentimentos e atitudes.

Embora a mudança de código seja também usada quando o bilíngüe não sabe, não conhece ou se esqueceu de uma palavra ou expressão em uma de suas línguas, não se pode afirmar que esta seja a sua única função. Geralmente, nestas situações, a mudança de código serve para agilizar a comunicação. São relativamente poucos os casos em que a mudança de código é motivada pela “incapacidade” do falante em encontrar a expressão adequada para aquilo que ele deseja comunicar, pois é comum o bilíngüe dizer algo em uma de suas línguas e, em seguida, repetir o conteúdo da mesma enunciação na outra, reiterando ou traduzindo o que disse (Gumperz, 1982). Para alguns autores (Romaine, *idem*; Scotton, 1993), a mudança ocorre, mais freqüentemente, em relação a elementos do discurso que são conhecidos e regularmente usados pelo falante, uma vez que esses elementos, em geral, se encaixam na outra língua em pontos da enunciação que não alteram a estrutura da sentença. Isto, naturalmente, requer competência em ambas as línguas, mesmo que em graus diversos. Sendo assim, a mudança de código pode ser considerada como uma “habilidade” do desempenho lingüístico do bilíngüe e não como uma “inabilidade”. É por isso que Gumperz (*idem*), Heller (1988), Scotton (1988, 1991, 1995) e outros preferem visualizar a mudança de código como um recurso expressivo, próprio do desempenho

lingüístico do bilíngüe, da mesma forma que a mudança de estilos é um recurso estilístico para os monolíngües.

De acordo com Gumperz (*idem*), a alternância de línguas não afeta a comunicação, pois os falantes comunicam-se fluentemente. Não há pausas que demonstrem hesitação ou mudanças no ritmo da sentença, na intensidade ou no contorno da entonação. Não há nada que indique uma perda na comunicação e a conversação ocorre normalmente, como se passasse em uma única língua. Ao contrário, a mudança de código é um dos modos de fala que o bilíngüe utiliza para mostrar sua competência comunicativa.

Esta não é uma perspectiva recente. Em 1953, Weinreich e Haugen observaram que os indivíduos bilíngües ocasionalmente mudam de código durante a conversação, em decorrência de um lapso ou com a finalidade de enriquecer o discurso ou expressar sentimentos. Porém, é a partir das pesquisas sociolingüísticas que as questões referentes à mudança de código passam a ser compreendidas como um processo sociopsicolingüístico. O estudo da mudança de código adquire, então, um caráter mais dinâmico, no qual é possível estabelecer relações entre a interação verbal, o uso da língua, os seus usuários, o contexto situacional e as variações estilísticas e gramaticais para produzir os mais diversos tipos de sentidos.

As abordagens teóricas mais recentes focalizam principalmente dois aspectos da mudança de código: o estrutural e o pragmático. O aspecto estrutural busca explicações para as restrições lingüísticas que governam a mudança. Entende-se por restrições lingüísticas, as normas gramaticais que subjazem uma mudança de código em um determinado ponto da enunciação e que apresentam uma certa regularidade para um mesmo par de línguas. O aspecto pragmático procura entender o porquê da mudança, ou seja, quais as razões que levam o bilíngüe a optar por outro código em um determinado momento do discurso.

A nossa perspectiva, neste estudo, baseia-se, principalmente, no aspecto funcional da mudança de código, isto é, ela é vista como uma estratégia conversacional que contribui para o interrelacionamento entre as pessoas. Segundo Heller (1988), a mudança de código tem uma função importante nos mecanismos de negociações sociais e na definição dos papéis sociais entre as partes envolvidas. Em outras palavras, a mudança de código é uma forma de indexar aspectos sociais do contexto à tentativa dos falantes de se comunicarem eficazmente. Todavia, para que o uso da mudança de código seja eficiente, é necessário que os participantes do evento de fala compartilhem as mesmas convenções sociais e comunicativas. É por isso que ela só é operacional entre pessoas que falam as mesmas línguas, em uma dada comunidade de fala.

Blom & Gumperz (1972) identificam dois tipos básicos de mudança de código: uma metafórica e outra situacional. Segundo os autores, na mudança situacional, há uma clara relação entre o uso da língua e o contexto social, de tal forma que cada língua ou variedade de língua tem um papel e uma função específica ao repertório de fala local. Ou seja, as línguas são alternadas de acordo com a situação e/ou os participantes da interação. A mudança metafórica, por

outro lado, está relacionada com os efeitos comunicativos do discurso, isto é, com as intenções e com os sentidos que o falante quer dar à sua fala. De acordo com Gumperz (1982), parece ser mais razoável supor que o falante constrói seu próprio discurso com base na compreensão das normas situacionais, a fim de comunicar uma informação metafórica sobre como ele quer que suas palavras sejam compreendidas, ao invés de assumir que o falante usa a língua em resposta a um conjunto de normas fixas, pré-determinadas.

Para este autor, a relação do uso da língua com o contexto social é muito mais complexa na mudança de código conversacional¹, pois os elementos alternados fazem parte de um mesmo evento de fala e estão interligados por relações sintáticas e semânticas como nas enunciações produzidas em uma única língua. A alternância entre os elementos lingüísticos é automática, pois os falantes estão preocupados com os efeitos comunicativos daquilo que estão dizendo. Nestes casos, as normas sociais e situacionais que governam a mudança funcionam de maneira semelhante às restrições gramaticais, isto é, não ocorrem aleatoriamente, mas, ao contrário, fazem parte do conhecimento prévio do falante sobre o uso da língua.

É importante frisar que a mudança de código está diretamente relacionada ao caráter específico da comunidade e da situação de fala (uma comunidade vs. outra, uma situação de fala vs. outra). Por exemplo, diferenças na idade ou no nível de escolaridade dos falantes podem ser traços característicos de uma determinada comunidade que poderão influenciar na mudança do código durante o evento de fala. Da mesma forma, a presença de um monolíngüe ou uma situação de tensão, medo ou ansiedade podem levar o falante a mudar de código no momento da enunciação. Em outras palavras, a escolha do código pode estar associada a um conjunto de traços psicossociais que se relacionam a quem, quando, onde e com as intenções do ato de fala.

Vista dessa forma, a mudança de código pode ser considerada como um índice indicativo das relações sociais e interpessoais. De acordo com Scotton (1988), os falantes têm consciência dessa indexação e, por isso, sabem quando usar um ou outro código. Assim, a escolha de um código *marcado* ou *não-marcado*², em um determinado episódio de fala, pode ter diversos sentidos e expressar identidade de origem, solidariedade, autoridade, *status* educacional, tensão emocional etc.

Portanto, o uso de um determinado código durante um evento de fala não é decorrente de uma escolha aleatória, mas de um processo dinâmico que associa as capacidades naturais dos falantes a fatores sociopsicolingüísticos, específicos a uma comunidade ou evento de fala. Ao efetuar uma mudança de código, os interlocutores estão marcando a sua posição no contexto social e, ao mesmo tempo, sinalizando suas intenções discursivas, de forma a veicular a mensagem significativamente.

¹ Gumperz (1982) usa os termos *mudança de código conversacional* e *mudança de código metafórica* intercambiavelmente, embora não tenha dito isso explicitamente.

² O código *marcado* é aquele que não é previsível, esperado durante o evento de fala; em oposição, o código *não-marcado* é aquele que é previsível em um determinado contexto (Scotton, 1988).

É sob a ótica da perspectiva discursiva que analisamos os dados que ora apresentamos, pois também acreditamos que a motivação para a mudança de código é, na maioria das vezes, estilística e metafórica.

2. O Contexto Sociolingüístico

Examinamos, neste estudo, o desenvolvimento da aquisição de L1 e L2³ de duas crianças bilíngües, Patrícia, no período entre 4,6 a 6,4 anos e David, entre 2,2 a 4,0 anos⁴. As línguas envolvidas são o inglês e o português, uma vez que as crianças são de origem norte-americana, residentes, à época da pesquisa, em Goiânia, Brasil. Portanto, a aquisição se processou em contexto bilíngüe, em decorrência de uma política lingüística de valorização das duas línguas, adotada pela família em questão.

Ao iniciarmos nossa pesquisa, um fato nos chamou, sobremaneira, a atenção: as crianças mudavam, com freqüência, de uma língua para a outra, assim como as alternavam em uma mesma sentença ou em uma mesma palavra. Passamos, então, a observar quando, como e em quais situações elas alternavam suas línguas e decidimos buscar o porquê de tal alternância, pois não podíamos concordar com a justificativa da mãe: *Patrícia e David ainda não falam direito; é por isso que eles misturam o inglês com o português.*

Contrapondo-nos a essa noção de que o bilíngüe mistura ou alterna suas línguas porque ainda não as adquiriu “completamente” ou porque não as domina em todos os seus aspectos (lexical, sintático, semântico etc), é que iniciamos este estudo, considerando que a mudança de código está presente não apenas na fase inicial do processo de aquisição de duas ou mais línguas, mas também em qualquer fase do modo de fala bilíngüe. Além disso, acreditamos ser importante compreender quaisquer aspectos do comportamento lingüístico do bilíngüe, na expectativa de fornecer subsídios para as pesquisas sobre aquisição de segunda língua e para o ensino de língua estrangeira.

3. Metodologia

Como um primeiro passo dos procedimentos adotados, coletamos os dados a partir de gravações em fita cassete, observações e entrevistas junto à família das referidas crianças. As gravações foram realizadas, pela pesquisadora, durante uma hora, uma vez por semana, em situações de interação livre das crianças com adulto (mãe, pai, pesquisadora etc) ou com outras crianças (irmãos, amigos), em diversos locais. A mãe também realizou algumas gravações, em momentos em que não nos encontrávamos presente. Os pais não receberam instruções de como agir durante as gravações. As atividades desenvolvidas durante as sessões eram escolhidas, na maioria das vezes, pelas crianças. As interações mais freqüentes foram: jogos e brincadeiras livres, momentos de instrução formal (mãe alfabetizando a criança em inglês ou ajudando nas tarefas escolares em

³ Entende-se por L1 e L2 qualquer uma das línguas que estão sendo adquiridas, neste caso o inglês e o português, sem, no entanto, estabelecer uma ordem de prioridade.

⁴ O primeiro dígito refere-se a anos e o segundo, a meses.

português), leitura e narração de histórias. Portanto, foi dada preferência às situações de interação espontânea, natural, a fim de que os dados coletados pudessem refletir situações de fala reais.

Diversas anotações foram feitas, tanto pela pesquisadora, quanto pela mãe e pelo irmão mais velho (17 anos). Mãe e irmão foram instruídos para anotar principalmente as enunciações que contivessem as duas línguas, alternadas ou “misturadas”. Conversas informais e entrevistas com a mãe e com outros membros da família também foram realizadas.

A partir do material coletado, foram extraídos, em forma de recortes, os excertos que evidenciam a mudança de código na fala de nossos interlocutores, apresentados a seguir. Todos os recortes fazem parte de um contexto maior e são ilustrativos de situações diversas. Nas transcrições abaixo, as falas são representadas pelas iniciais dos interlocutores: P para Patricia, D para David, M para mãe e assim por diante.

4. Discussão

Iniciaremos nossa análise mostrando como os bilíngües alternam suas línguas em função dos participantes da interação (recorte 01). A flexibilidade em relação à escolha da língua torna-se evidente quando Patricia e o irmão alternam suas línguas quando interagem com monolíngües e/ou bilíngües. Quando se dirigem à amiga brasileira, usam o português. Quando falam entre si, o inglês predomina, assim como quando falam com a mãe, mesmo estando na presença de não-falantes do inglês. O discurso de Patricia e David comprova a tese de Fishman (1968, p.15) de que a escolha da língua não é aleatória, mas depende de “quem fala o quê”, “com quem”, “onde” e “quando”, pois *o uso apropriado determina que apenas uma das línguas ou variedades, teoricamente disponíveis, será escolhida por classes particulares de interlocutores, em ocasiões particulares, para discutir tópicos particulares* (grifo do autor).

Recorte 01

A interação ocorre entre Patricia, David e Francisca, uma garota brasileira de nove anos. Eles brincam de mamãe e filhinhos. Francisca é a mãe. M é a mãe verdadeira.

P: Tchau, mamãe!

F: Onde você vai, filhinha?

P: Na casa da Aninha.

D: Tchau, mamãe!

F: Cuidado com a rua. Volta logo.

P: *Babush⁵, you stay here. Mommy's making pipoca.*

(Babush, você fica aqui. A mamãe está fazendo pipoca.)

D: *I go, ok? Mama-nhê, mama-nhê...*

(Eu vou, ok? Mama-nhê, mama-nhê...)

F: Fica aqui comigo filhinho. Mamãe vai fazer pipoca.

M: *Patricia, where are you?*

(Patricia, onde vocês estão?)

P: *We're playing outside. We're playing house.*

(Nós estamos brincando aqui fora. Estamos brincando de casinha).

⁵ Babush é um apelido carinhoso usado por Patricia para se dirigir ao irmão mais novo, David.

As crianças são capazes de perceber qual a situação adequada para o uso do inglês ou do português. De acordo com Grosjean (1982), há uma grande diferença, para o bilíngüe, entre falar com monolíngües e falar com outros bilíngües. No primeiro caso, o bilíngüe irá naturalmente escolher a língua do seu interlocutor, e a interação se passará de forma semelhante à uma interação entre dois monolíngües. Nestas situações (interação entre bilíngüe-monolíngüe), dificilmente a mudança de código ocorrerá, pois ela poderá interferir na comunicação, tornando-a ininteligível para o monolíngüe. Ao escolher o português para interagir com a amiga brasileira, Patricia e David parecem saber que toda interação verbal realiza-se por intermédio da língua e que a comunicação só é atingida se esta língua for socialmente compartilhada. Nas interações entre bilíngües, o indivíduo pode optar por uma ou outra língua, e a escolha, segundo este autor, é automática e não requer tempo ou esforço extra.

No que se refere ao aspecto gramatical, a literatura sobre mudança de código menciona diversos tipos de restrições lingüísticas, dependendo do par de línguas envolvido. Algumas dessas restrições já descritas, envolvendo outros pares lingüísticos (Sankoff e Poplack, 1981; Grosjean, 1982; Scotton, 1993; outros), foram confirmadas pelos dados que aqui apresentamos (recortes 02, 03, 04 e 05); outras contrapõem-se aos dados encontrados, por exemplo, por Timm (1975, em Scotton 1993). Segundo esta autora, uma mudança de código entre o verbo auxiliar e o principal ou entre a negação e o verbo seria bastante improvável para o par inglês-espanhol. No entanto, os recortes 06, 07, 08 e 09 demonstram o contrário em relação ao par inglês-português.

Recorte 02: antes ou depois de elementos discursivos (mudanças rotuladas):

P: *Look*, dá esse pequeninho, dá?

(Olha, dá esse pequeninho, dá?)

Recorte 03: entre o verbo e o objeto direto:

P: *Can this money buy* o picolé?

(Esse dinheiro dá para comprar o picolé?)

Recorte 04: próximo a uma conjunção coordenada:

P: *She was sick and* tomou vacina.

(Ela estava doente e tomou vacina.)

Recorte 05: no interior das formas verbais preposicionadas:

P: *I'm going to put my chapéu on*.

(Eu vou colocar meu chapéu.)

Recorte 06: entre o verbo auxiliar e o verbo principal:

P: *That man is puxando two carts*.

(Aquele homem está puxando dois carrinhos.)

Recorte 07

P: *I was balançano...*

(Eu estava balançando...)

Recorte 08: entre a negação e o verbo

P: *That doesn't valer, you need to do it like this...*

(Isto não vale, você tem que fazer assim...)

Recorte 09

P: *Davy, mommy said not to gritar 'cause they're praying for the Lord.*

(Davy, mamãe disse para não gritar porque eles estão rezando para o Senhor)

Assim, do ponto de vista estrutural, percebemos que as mudanças encontradas em nosso *corpus* não ocorrem aleatoriamente, mas segundo a organização interna dos sistemas lingüísticos envolvidos. Isto equívale a dizer que a mudança de código não é fenômeno agramatical, desprovido de uma estrutura lógica. Ao contrário, elas estão de conformidade com a gramática de um sistema ou de outro, sugerindo que a criança, ao mudar de código, o faz com base na sua competência lingüística em ambos os sistemas.

No recorte 06, a forma verbal *pulling*, do inglês, é substituída pela do português puxando, pois há uma equivalência estrutural entre elas, facilitando a ocorrência da mudança. Entretanto, para produzir tal sentença é necessário conhecer não apenas o aspecto semântico do verbo, mas também o morfológico e o sintático. Uma mudança do tipo *That man is* puxamos *two carts* seria bastante improvável, pois violaria tais aspectos. Forma e conteúdo não produziram o sentido desejado. Da mesma forma, os demais exemplos ilustram mudanças que ocorrem em pontos diversos da enunciação, mas sempre governadas pela estrutura lingüística de uma ou de outra língua, ou ainda de ambas, como parece ser o caso do recorte 08. É interessante notar que, neste exemplo, a negação seguida do verbo na forma infinitiva sugere-nos que a estrutura gramatical subjacente à sentença é a do inglês (*do/doesn't + infinitivo*). Mas, por outro lado, a expressão *That doesn't valer...* é tipicamente portuguesa, equívale a Isso não vale! ou Não valeu! Em inglês, uma expressão com tal conteúdo semântico provavelmente equívale a *No way!* ou *That's not fair!* ou *You can't do that!*

Portanto, entendemos que a mudança de código não deve ser considerada como uma forma "incorreta" de fala, conforme justificava a mãe de nossos interlocutores, sempre que dela faziam uso em suas enunciações. Ao contrário, do ponto de vista gramatical, verificamos que as mudanças não ocorrem ao acaso, mas segundo a organização da estrutura lingüística do par de línguas envolvido.

Sob o ponto de vista da pragmática, pode-se dizer que a mudança de código sinaliza uma informação contextual de maneira equivalente à prosódia ou aos processos sintáticos ou lexicais que ocorrem na fala dos monolíngües (Gumperz, 1982). Por meio da alternância, os participantes da interação pressupõem o conteúdo daquilo que deve ser decodificado, fazendo associações situacionais ou metafóricas. Assim como outros recursos comunicativos, a mudança de código pode ser usada para criar os efeitos significativos que o falante deseja, a fim de que possa atingir os seus objetivos conversacionais.

Os recortes abaixo demonstram como os sujeitos de nossa pesquisa (Patricia e David) fazem uso da mudança de código como um recurso discursivo, expressando não apenas informações referenciais, mas também suas emoções e sentimentos.

O recorte 10 mostra uma situação de tensão que só é aliviada quando David mistura as duas línguas, provocando risos na mãe e no irmão. Apesar de mudar inconscientemente de código, David é motivado pela intenção de se explicar perante o irmão e a mãe. E parece ser essa motivação que direciona a sua escolha do código. Ela funciona de forma semelhante à opção lexical, onde a

escolha das palavras contribui para agravar ou atenuar o desenrolar da negociação.

Recorte 10

O irmão mais velho Joel está irritado porque David não guardou a bola e ela sumiu:

J: *Davy, where's the basket ball?*

(Davy, onde está a bola de basquete?)

D: *Don't know.*

(Não sei.)

J: *I told you to put it in the quartinho after you finished playing.*

(Eu disse-lhe para colocar no quartinho depois que você terminasse de brincar.)

D: *Don't know.*

(Não sei.)

J: *Where did you put it? Where did you leave that bloody ball? I won't let you play anymore. Mom, he lost my ball!*

(Onde você a colocou? Onde você deixou aquela maldita bola? Eu não vou deixar você brincar mais. Mãe, ele perdeu minha bola!)

M: *Davy, where's Joe's ball?*

(Davy, onde está a bola do Joe?)

A: *Don't know! # Sometimes eu guardo, sometimes eu não guardo.*

(Não sei! # Algumas vezes eu guardo, algumas vezes eu não guardo.)

M & J: Risos...

No recorte abaixo (11), Patricia passa do discurso indireto para o direto, marcando a sua fala, ao mesmo tempo que entra em sintonia com a língua da mãe, ou seja, ela passa do código não-marcado para o marcado. Essa mudança funciona como uma estratégia de negociação entre ela e a mãe. Gumperz (1982) atribui a essa mudança a função de reproduzir a fala de uma pessoa em uma língua diferente daquela que estava sendo usada na conversação.

Recorte 11

Patricia e Aninha querem tomar banho de piscina. M é a mãe:

P: *Mommy, Ninha vim [-veio] aqui pra tomá banho de piscina*

M: *What?*

(O quê?)

P: Eu falei assim: "*Aninha came here to swim*".

(Eu falei assim: Aninha veio aqui para nadar.)

A: Patricia, eu falei assim, óh: "Vamu brincá primeiro".

M: *What do you want?*

(O que vocês querem?)

P: *Swim...* tomá banho de piscina, num é Aninha?

(Nadar...)

Uma outra função semelhante a esta é a mudança de código para traduzir a fala de terceiros:

Recorte 12

Durante o almoço, na casa da pesquisadora. Participam da interação: David, Érica, Patricia, outros.

D: *My mommy make banana with sugar. I like it.*

(Minha mãe faz banana com açúcar. Eu gosto.)

E: *What did you say?*

(O que você disse?)

P: Ele disse que minha mãe faz banana com açúcar e ele come tudo.

Esta função de tradução da fala também pode ser observada no recorte anterior quando Patricia traduz sua fala para a amiga Aninha: *Swim...* tomá banho de piscina, num é Aninha?, a fim de que ela possa compreender a interação que ocorre entre ela (Patricia) e a mãe. Além disso, ao incluir Aninha na conversação, ela dá força ao seu argumento na negociação com a mãe. De acordo com Grosjean (1982), a criança, geralmente, muda de código quando ela percebe que um dos participantes da interação verbal sente-se marginalizado durante a conversação, devido a incapacidade de compreender a língua. Em outras palavras, a criança bilíngüe traduz a sua fala ou a de outros quando está na presença de monolíngües e percebe que eles não podem acompanhar a conversação por não compreenderem uma das línguas.

Heller (1988), fundamentada em Gumperz (1982), apresenta outras funções para a mudança de código. Para ela, a alternância é uma estratégia conversacional cujos efeitos estilísticos podem ser usados para atenuar ou agravar interações tais como solicitações, recusas, comentários, esclarecimentos, mudanças de tópico etc. Assim, a mudança de código é uma forma de negociar relações sociais por intermédio do discurso, podendo ser usada tanto para criar um conflito como para neutralizá-lo.

No recorte abaixo (13) podemos perceber que, ao fazer uso da mudança de código, Patricia demonstra alegria, satisfação, euforia ou alívio:

Recorte 13

A mãe está ensinando Patricia a ler e a escrever, em casa. A aula está começando:

M: *We're gonna go over your cards, ok Patricia? What are we gonna do today? We did this yesterday. We're gonna do this today. We're gonna make these words and you're gonna do this page. You're gonna do two pages today! And then, you're gonna play outside, ok?*

(Nós vamos revisar suas fichas, certo Patricia? O que nós vamos fazer hoje? Nós fizemos isto ontem. Hoje nós vamos fazer isto. Nós vamos fazer estas palavras e você vai fazer esta página. Você vai fazer duas páginas hoje! Aí então, você vai brincar lá fora, certo?)

P: Óba!

M: First of all, let's go over your cards. You can read your cards?

(Primeiramente, vamos rever suas fichas. Você pode ler suas fichas?)

P: *Why? Why?*

(Por quê? Por quê?)

M: *So, you can say your words faster. Give your cards.*

(Para que você possa dizer suas palavras mais rapidamente. Dê-me suas fichas).

P: *And then, go her house?*

(E aí, eu vou para a casa dela?)

M: *We'll see that later on. First of all, we'll have school and then we talk about that, ok?*

(Veremos isto mais tarde. Primeiro, teremos aula, aí, então, conversaremos sobre isto, certo?)

P: *She said: "pode ir", mommy.*

(Ela disse: pode ir, mamãe.)

M: *All right. You can go after you read your cards.*

(Está bem. Você pode ir depois que ler suas fichas.)

P: Óba!

A mudança, aqui, tem um sentido ambíguo, pois o ôba! de Patricia tanto pode expressar sua satisfação de aprender novas palavras ou poder sair para brincar, como pode demonstrar seu alívio de se livrar da tarefa. Heller (1988) afirma que a mudança de código pode ser usada como uma estratégia para lidar com conflitos durante a interação verbal, podendo atenuar ou agravar a situação. Uma mesma mudança pode expressar diferentes intenções, dependendo do contexto no qual se passa a interação, dos interlocutores e da intenção do falante.

5. Conclusão

Com base nesta pesquisa concluímos que a mudança de código não é resultado de uma imperfeição na fala de crianças bilíngües ou de uma incompletude nos processos de aquisição de L1 e L2, assim como não torna a comunicação mais difícil. Ao contrário, os resultados nos permitem concluir que a mudança de código é um recurso conversacional próprio da fala dos bilíngües, cuja capacidade comunicativa vai além da informação referencial. Ao efetuar uma mudança, a criança pode estar marcando a sua posição no contexto sócio-interacional de maneira tal que suas palavras possam expressar o sentido desejado. Podemos dizer, então, que a mudança de código é uma das estratégias que a criança bilíngüe utiliza quando joga o *jogo da linguagem*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BLOM, J.P. & GUMPERZ, J.J. Social Meaning in Structure: Codeswitching in Norway. In: GUMPERZ, J.J. & HYMES, D. (Eds.). Directions in Sociolinguistics, 1972. p. 409-34.
- BLOOMFIELD, L. Language. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1979.
- ERVIN-TRIPP, S. An Analysis of the Interaction of Language, Topic and Listener. In: FISHMAN, J.A. (Ed.). Readings in the Sociology of Language. The Netherlands: Mouton & Co.N.V.Publishers, 1972.
- FISHMAN, J.A. The Relationship between Micro- and Macro-sociolinguistics in the Study of Who Speaks What Language to Whom and When. Journal of Social Issues, v.23, n.3, p.15-31, 1968.
- GROSJEAN, F. Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.
- _____. Individual Bilingualism. In: The Encyclopedia of Language and Linguistics. Oxford: Pergamon Press, 1994. p.1656-1660.
- GUMPERZ, J.J. Discourse Strategies. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HAUGEN, E. The Norwegian Language in America: A Study of Bilingual Behavior. Bloomington: Indiana University Press, 1953-69.
- HELLER, M. (Ed.). Codeswitching: Anthropological and Sociolinguistics Perspectives. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1988.
- MACKEY, W. The Description of Bilingualism. In: FISHMAN, J.A. (Ed.). Readings in the Sociology of Language. The Netherlands: Mouton & Co.N.V.Publishers, 1972. p.555-584.
- RICHARDS, J. et al. (Orgs.). Dictionary of Language Teaching & Applied Linguistics. Harlow: Longman, 1985.
- ROMAINE, S. Bilingualism. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1995.
- SANKOFF, D. & POPLACK, S. A Formal Grammar for Code-switching. Linguistics, 14, p.3-46, 1981.
- SCOTTON, C.M. Codeswitching as Indexical of Social Negotiations. In: HELLER, M. (ed.). Codeswitching: Anthropological and Sociolinguistics Perspectives. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1988. p.151-187.
- _____. Making Ethnicity Salient in Codeswitching. In: DOW, J.R. Language and Ethnicity. Amsterdam: John Benjamins, v.II, 1991.
- _____. Duelling Languages. New York: Clarendon Press Oxford, 1993.
- _____. Social Motivations for Codeswitching. New York: Clarendon Press Oxford, 1995.
- WEINREICH, U. Languages in Contact. The Hague: Mouton, 1953.

